

INDÚSTRIA DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

Fernando Luiz E. Viana

Engenheiro Civil. Mestre em Engenharia de Produção. Doutor em Administração
 Coordenador de Estudos e Pesquisas do ETENE/BNB
 fernandoviana@bnb.gov.br

1 INTRODUÇÃO

O presente documento apresenta informações sobre a indústria de bebidas, especificamente no segmento de bebidas alcoólicas. O objetivo é que se possa ter um panorama recente do setor no Brasil e no Nordeste, incluindo sua caracterização, desempenho recente e perspectivas, bem como discutir tendências futuras para o setor e seus produtos em nível global.

O trabalho foi executado utilizando-se basicamente dados secundários, acessados em publicações especializadas do setor, as quais constam nas referências. Esta análise contextualiza o cenário de toda a indústria de bebidas alcoólicas, que engloba o grupo 11.1 (fabricação de bebidas alcoólicas) da divisão 11 (fabricação de bebidas) da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), incluindo as atividades que compõem as seguintes classes: 11.11-9 (Fabricação de aguardentes e outras bebidas destiladas), 11.12-7 (Fabricação de vinho) e 11.13-5 (Fabricação de malte, cervejas e chopes). Vale ressaltar que alguns dados serão apresentados utilizando a classificação dos produtos mais usual no mercado mundial de bebidas alcoólicas. A Euromonitor International utiliza a seguinte classificação para os produtos da indústria de bebidas alcoólicas:

- Cervejas;
- *Spirits*: engloba os principais tipos de destilados, tais como uísque, vodca, gin, tequila, aguardente, entre outros;
- Vinhos;

- Cidras: bebidas preparadas a partir de suco de maçã, possuindo como semelhante as chamadas *perries*, preparadas a partir de suco de pêra;
- *Ready-to-drinks* (RDTs): bebidas que constituem uma mistura de um *spirit*, um vinho ou malte com uma bebida não alcoólica, servidas pré-misturadas e prontas para beber. Um exemplo de RDT bem conhecido no Brasil é a Smirnoff Ice;
- *High-Strength Premixes* (HS): bebidas pré-misturadas com teor alcoólico (ABV – *alcohol by volume*) igual ou superior a 15%, combinado com suco ou qualquer outro *soft drink*.

Ao longo do texto serão feitos comentários específicos sobre os tipos de bebidas alcoólicas que possuem maior destaque no mercado brasileiro.

2 CARACTERIZAÇÃO DO SETOR

A indústria de bebidas constitui um importante setor da indústria de transformação, tendo obtido faturamento de R\$ 117 bilhões em 2016, o que é equivalente a 1,9% do PIB brasileiro daquele ano e 4,8% do valor bruto da produção (*Proxy* do PIB) da indústria de transformação (ABIA, 2018).

Apesar de não ser um setor intensivo em mão de obra, em termos absolutos, constitui grande empregador, com dezenas de milhares de empregos distribuídos em todo o Brasil. O setor possui ampla distribuição regional da produção, devido às características dos produtos, que têm

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente). Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano J. F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coelho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Roberto Rodrigues Pontes (Jovem Aprendiz). Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), Leonardo Dias Lima, Wandemberg Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico) e Hermano José Pinho (Revisão Vernacular).

O **Caderno Setorial ETENE** é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

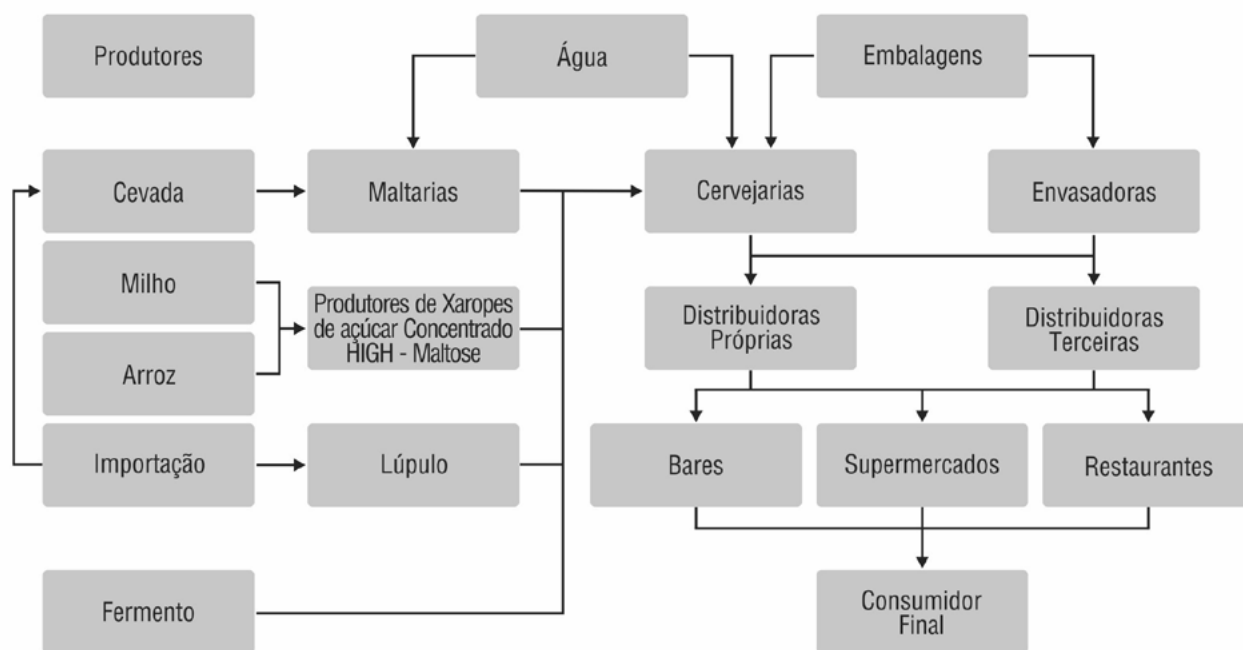
Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.

a água como insumo básico. Esse aspecto faz com que a opção de produzir localmente seja mais racional, pois a redução dos custos logísticos compensa eventuais economias de escala que poderiam ser obtidas com a centralização da produção (Cervieri Júnior et al., 2014). Isso faz com que o setor possua certa ubiquidade e contribua para a dinamização de regiões pouco industrializadas, já que a produção de bebidas demanda fornecimento de insumos, armazenagem, distribuição, comercialização, produção de

embalagens, entre outras atividades da cadeia produtiva, algumas das quais necessitam ser realizadas localmente. No Brasil, entre as bebidas alcoólicas, a cerveja tem grande destaque, tendo sido responsável por mais de 90% do consumo de bebidas alcoólicas (em volume) do País em 2017 (Euromonitor Internacional, 2018a). Em função da sua importância no mercado brasileiro de bebidas alcoólicas, apresenta-se na **Figura 1** a cadeia produtiva da cerveja.

Figura 1 – Cadeia produtiva da cerveja



Fonte: Serasa Experian (2017).

Em termos mundiais, a indústria de bebidas alcoólicas também tem importância significativa em diferentes países. Devido à presença de vários fornecedores locais e internacionais e de grandes *players* com atuação global, o mercado é altamente competitivo e a concorrência tem se intensificado, tendo como principais direcionadores o preço e a diferenciação de produtos. O aumento da procura por novos sabores e o recente aumento da consciência da população voltada ao consumo de produtos saudáveis têm obrigado as empresas a lançarem novos produtos com maior frequência (Technavio, 2017).

O mercado global de bebidas alcoólicas testemunhou um crescimento impressionante nos últimos dois anos, impulsionado por uma série de fatores favoráveis. A crescente população urbana, aliada ao aumento da renda disponível nas economias emergentes, leva indivíduos a explorar novas formas de entretenimento, como festas noturnas e permanência por mais tempo em bares. Além disso, jovens adultos com alta renda familiar, alta influência na mídia social e acesso fácil a bebidas alcoólicas são outros fatores proeminentes que impulsionam as vendas de bebidas alcoólicas (Transparency Market Research, 2018). Fabricantes de bebidas alcoólicas estão continuamente lançando novos produtos com sabores adicionados. A curiosidade entre os consumidores, especialmente entre os *millennials*, está atraindo-os para experimen-

tar esses produtos, o que está tendo um impacto positivo no mercado de bebidas alcoólicas.

Entretanto, de acordo com Transparency Market Research (2018), o consumo excessivo de álcool, que está afetando negativamente a saúde, especialmente a saúde de adultos jovens, pode desafiar o crescimento do mercado de bebidas alcoólicas. De acordo com um relatório divulgado pela OMS em 2014, 3,3 milhões de mortes a cada ano em todo o mundo estão relacionadas ao consumo excessivo de álcool.

As empresas líderes de vendas no mercado global de bebidas alcoólicas são listadas no **Quadro 1**, muitas das quais têm importante presença no mercado brasileiro.

Percebe-se que várias empresas que constam no Quadro 1 possuem forte presença no mercado brasileiro, tendo uma delas, em parte, origem nacional (AB Inbev), possuindo diversas plantas industriais de produção de cervejas e refrigerantes no País. Outras empresas como Bacardi, Diageo e Heineken também possuem plantas fabris no Brasil, inclusive no Nordeste.

Apesar de o mercado brasileiro apresentar algumas particularidades em comparação com os mercados dos países desenvolvidos, bem como manter certa heterogeneidade entre as diferentes regiões do País, entende-se que as empresas que atuam no Brasil devem atentar às tendências observadas no mercado internacional.

Quadro 1 – Empresas líderes do mercado mundial de bebidas alcoólicas

Empresa ou Grupo Empresarial	Tipo de bebida dos principais produtos	Capital de Origem
Anheuser-Busch Inbev	Cerveja	Brasil/Bélgica
Accolade Wines	Vinho	Austrália
Bacardi	Rum	Porto Rico
Beam Suntory	Gin, uísque, vodca (<i>spirits</i>)	Estados Unidos
Carlsberg	Cerveja	Dinamarca
Constellation Brands	Cerveja, vinho e <i>spirits</i>	Estados Unidos
China Resource Enterprise	Cerveja	Hong Kong (China)
Diageo	Cerveja, uísque, vodca	Reino Unido
Heineken	Cerveja	Holanda
E. & J. Gallo Winery	Vinho	Estados Unidos
Pernod Ricard	Gin, uísque, vodca, rum, champagne	França
SABMiller ⁽¹⁾	Cerveja	África do Sul/Reino Unido
The Wine Group	Vinho	Estados Unidos
Torres	Vinho e <i>spirits</i>	Espanha
Treasury Wine Estates	Vinho	Austrália
Vina Concha y Toro	Vinho	Chile

Fonte: Elaboração própria, com informações de Technavio (2017).

Nota: (1) A SABMiller está em processo de aquisição pela AB Inbev, cuja conclusão depende de parecer de autoridades antitruste de diferentes países.

3 DESEMPENHO RECENTE

As informações sobre o setor a serem apresentadas foram obtidas a partir de órgãos oficiais, tais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) e do Ministério do Trabalho, bem como em estudos de mercado elaborados por organizações internacionais, tais como a Euromonitor International. Os tópicos seguintes apresentam informações referentes às principais variáveis associadas ao desempenho da indústria de bebidas alcoólicas, considerando os grupos CNAE cobertos pelo presente trabalho.

3.1 Produção e vendas

Com relação à produção da indústria brasileira, os dados da Pesquisa Industrial Anual Produto (PIA Produto) do IBGE (2018) referentes ao período 2006-2015 (último dado disponível) mostram um crescimento consistente na produção da indústria de bebidas alcoólicas até 2012, seguido de uma queda em 2013, recuperação em 2014 e nova queda em 2015 (**Tabela 1**). A fabricação de cervejas e chopes possui grande destaque, atingindo, em 2015, 89,4% do total produzido em milhares de litros.

Tabela 1 – Evolução da produção (em milhares de litros) da indústria de bebidas alcoólicas do Brasil: 2006-2015

CLASSE CNAE	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Fabricação de aguardentes e outras bebidas destiladas	2.128.792	1.381.888	1.506.552	1.476.358	1.405.641	1.686.193	1.377.486	1.196.322	1.126.140	1.128.333
Fabricação de vinho	346.169	351.892	381.658	410.390	432.065	494.758	569.845	470.950	487.982	542.935
Fabricação de cervejas e chopes ¹	9.904.827	10.449.932	10.848.516	12.576.321	13.243.165	13.743.457	14.219.976	13.520.260	14.456.254	14.027.417
Total	12.379.788	12.183.711	12.736.725	14.463.069	15.080.871	15.924.407	16.167.307	15.187.532	16.070.376	15.698.685

Fonte: IBGE (2018). Elaboração do autor.

Nota: (1) A produção de malte é medida em toneladas e, portanto, foi desconsiderada do total da respectiva classe (1113-5).

Considerando todo o período analisado (2006-2015), a produção de bebidas alcoólicas cresceu 26,8%, com maior destaque para a produção de vinhos (56,8%). As cervejas e chopes tiveram aumento de 41,6% na produção no período considerado, resultando no aumento também da par-

ticipação no total produzido pelo setor. Por outro lado, a fabricação de aguardentes e outros destilados sofreu forte queda, tanto na produção total (-47,0%), como na participação relativa (de 17,2% para 7,2%).

No que diz respeito às quantidades vendidas, os

dados da PIA-Produto mostram um cenário (Tabela 2) semelhante ao observado para a produção. Cervejas e chopes também se destacam como principais produtos vendidos, chegando ao pico de participação de 89,6% em 2012, finalizando o período com 89,4% de participação

em 2015. De forma semelhante, no mercado mundial, a cerveja constitui a principal bebida alcoólica vendida, embora com menor participação no mercado, englobando 77,6% das vendas em volume no ano de 2016 (Euromonitor International, 2018b).

Tabela 2 – Evolução das vendas (em milhares de litros)¹ da indústria de bebidas alcoólicas do Brasil: 2006-2015

CLASSE CNAE	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Fabricação de aguardentes e outras bebidas destiladas	1.548.071	1.325.281	1.299.773	1.295.075	1.181.789	1.306.732	1.130.801	1.076.996	1.011.316	995.179
Fabricação de vinho	335.866	336.970	341.301	385.021	403.502	415.968	442.366	442.037	472.864	475.161
Fabricação de malte, cervejas e chopes	8.977.568	10.005.008	10.637.101	11.642.073	12.853.382	12.904.104	13.609.819	12.111.383	12.151.679	12.341.331
Total	10.861.505	11.667.259	12.278.175	13.322.169	14.438.674	14.626.804	15.182.986	13.630.416	13.635.859	13.811.671

Fonte: IBGE (2016). Elaboração do autor.

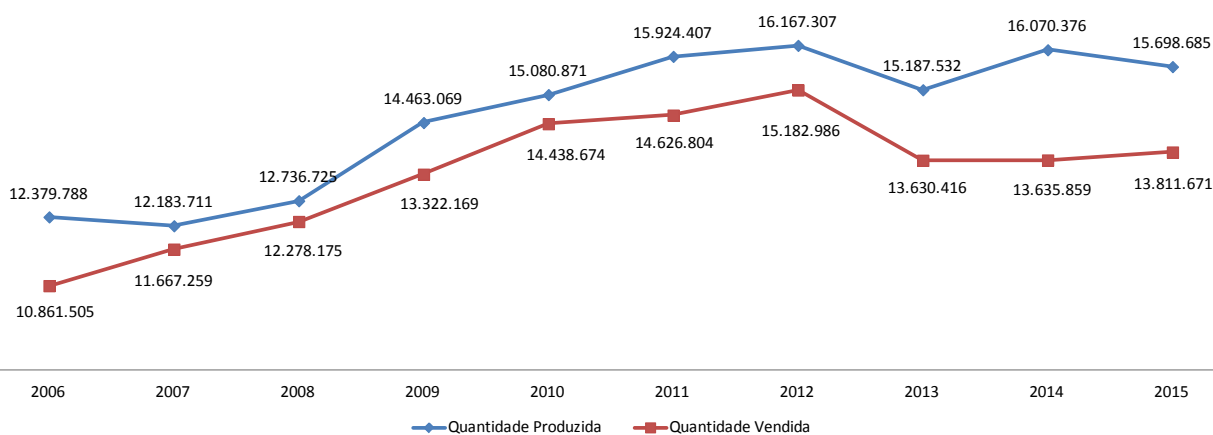
Nota: (1) A venda de malte é medida em toneladas e, portanto, foi desconsiderada do total da respectiva classe (1113-5).

Além do crescimento da produção e da venda de cervejas e chopes, destaca-se também o crescimento do mercado nacional de vinhos, especialmente dos espumantes, cujo crescimento relativo da produção e venda foi maior

do que o apresentado pelas cervejas e chopes.

O Gráfico 1 apresenta simultaneamente o comportamento da produção e das vendas de bebidas alcoólicas no Brasil entre 2005 e 2015.

Gráfico 1 – Evolução da produção e vendas de produtos da indústria de bebidas alcoólicas do Brasil, em milhares de litros: 2006-2015



Fonte: IBGE (2016). Elaboração do autor.

É importante salientar que os dados apresentados anteriormente da PIA-Produto contemplam apenas a produção e as vendas de unidades produtivas localizadas no Brasil, ou seja, da indústria para o varejo, não considerando os fluxos de importação e exportação. Logo, para se ter uma ideia do consumo de bebidas, é necessário computar as vendas no varejo (*off trade*) e em bares e restaurantes (*on trade*). Euromonitor International (2018a) possui dados consolidados de vendas de bebidas alcoólicas no Brasil no período 2011-2016, por tipo de bebida, os quais são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 – Vendas de bebidas alcoólicas no Brasil por categoria (em milhares de litros): 2011-2016

Tipos de Bebidas	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Cerveja	13.285.100	13.710.400	13.378.100	13.854.400	13.228.400	12.776.700
Cidras	13.766	14.606	15.273	15.365	15.679	16.082
RDT/Pré-misturas de alta concentração	75.743	73.269	69.959	70.943	79.342	112.274
Vodca, Whisky, Cachaça, Gin e outros	753.013	746.038	725.678	753.180	726.159	696.568
Vinho	400.600	380.600	383.600	368.000	352.200	341.200
Total	14.528.200	14.924.900	14.572.700	15.061.800	14.401.800	13.942.800

Fonte: Euromonitor International (2018a).

Percebem-se algumas diferenças nos valores apresentados nas **tabelas 2 e 3**, o que é esperado, tendo em vista os fluxos de importação e exportação, conforme supracitado. Independentemente das diferenças, a predominância das cervejas (91% das vendas) se confirma.

Em termos de dinâmica do mercado, a partir dos dados da Euromonitor International (2018a), o mercado brasileiro registrou um declínio no volume total das vendas em dois anos seguidos, entre 2014/2015 e 2015/2016, em função da situação econômica desfavorável e da redução da renda disponível para grande parte da população. Os consumidores têm migrado suas compras para marcas mais baratas em algumas categorias, além de reduzir a frequência das compras para muitos tipos de produtos.

Na visão da Euromonitor International (2016), enquanto quase todas as categorias enfrentaram redução ou estagnação das vendas em volume, as cervejas do tipo Premium têm mostrado um crescimento acima de média no mercado brasileiro. Muitos consumidores estão optando por reduzir a frequência na qual eles compram cerveja e investindo em marcas consideradas diferenciadas, adicionando produtos *premium* em suas cestas de compras. As principais cadeias de varejo têm um papel fundamental neste movimento, através da oferta de descontos e promoções agressivas, de modo a estimular as compras de impulso, especialmente no que diz respeito às marcas *premium* de cerveja. Entretanto, é importante pontuar que a manutenção do crescimento do segmento *premium* depende da recuperação da economia em bases mais sólidas.

Especificamente no que diz respeito à produção de cervejas, Müller e Marcusso (2018) destacam que o número de estabelecimentos registrados no Brasil cresceu a uma razão de seis vezes, desde 2007, chegando a um total de 697 estabelecimentos ao final de 2017. Somente em 2017 foram concedidos mais de 100 registros de estabelecimentos produtores de cervejas. Esse acentuado crescimento deve-se principalmente à abertura de pequenas cervejarias, destinadas à produção de cervejas artesanais. A maior concentração permanece no Sul (42%) e Sudeste (41%), mas Nordeste (7%) e Centro Oeste (7%) apareceram nos

últimos anos como cenário de novas cervejarias, apresentando crescimento rápido recentemente. No Nordeste o estado de Pernambuco tem tido maior destaque, com 17 cervejarias registradas ao final de 2017.

Em função da dinâmica atual do mercado, muitos dos principais *players* da indústria de bebidas alcoólicas do Brasil têm adotado uma estratégia de diversificação do portfólio de produtos, para atender às mais diversas necessidades dos consumidores. Especificamente no mercado de cervejas, tanto as empresas têm procurado adicionar cervejas *Premium* ao seu mix de produtos, como também adicionado outras categorias de bebidas (por exemplo, Skol Beats Senses da AMBEV, que é considerado um RDT). A implantação da estratégia de diversificação por parte das grandes produtoras de cerveja com operações produtivas no Brasil tem sido acompanhada muitas vezes de aquisições de cervejarias artesanais.

Para uma melhor compreensão do comportamento da demanda total por bebidas alcoólicas, é essencial a avaliação do comércio internacional desses produtos.

No que diz respeito às exportações, percebe-se um crescimento consistente nos valores das exportações entre 2008 e 2014 (92%), com arrefecimento nos dois anos seguintes (queda de 20%) e forte retomada em 2017 (crescimento de 25%), voltando aos níveis de exportação de 2014, conforme mostra a **Tabela 4**. As cervejas e chopes constituem os principais produtos da pauta de exportações brasileira de bebidas alcoólicas, sendo responsável por 65,7% do valor exportado em 2017.

As importações apresentaram um comportamento semelhante no período analisado, com crescimento de 40,7% entre 2008 e 2014 e queda de 18,7% entre 2014 e 2016 (**Tabela 5**), em função da crise econômica que assolou o Brasil no período, com leve retomada do crescimento (6,3%) em 2017. Entretanto, os valores envolvidos são bem maiores do que aqueles das exportações. O grande montante importado explica-se pelo aumento do consumo de cervejas especiais e vinhos, bem como consolidação do mercado de destilados, especialmente de uísques, o que representa uma maior sofisticação do mercado brasileiro de bebidas.

Tabela 4 – Exportações brasileiras de bebidas alcoólicas (US\$ Mil FOB): 2008-2017

Classes CNAE	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Fabricação de aguardentes e outras bebidas destiladas	34.321	30.341	34.063	41.164	43.280	45.041	48.319	33.099	33.567	40.252
Fabricação de vinho	14.086	15.652	13.735	10.944	13.818	20.263	16.632	8.267	9.585	13.632
Fabricação de malte, cervejas e chopes	32.741	36.426	40.361	48.323	59.248	67.180	90.906	93.033	82.185	103.265
Total	81.149	82.419	88.160	100.432	116.346	132.484	155.857	134.400	125.337	157.149

Fonte: FUNCEXDATA (2018). Elaboração do BNB/ETENE.

Tabela 5 – Importações brasileiras de bebidas alcoólicas (US\$ Mil FOB): 2008-2017

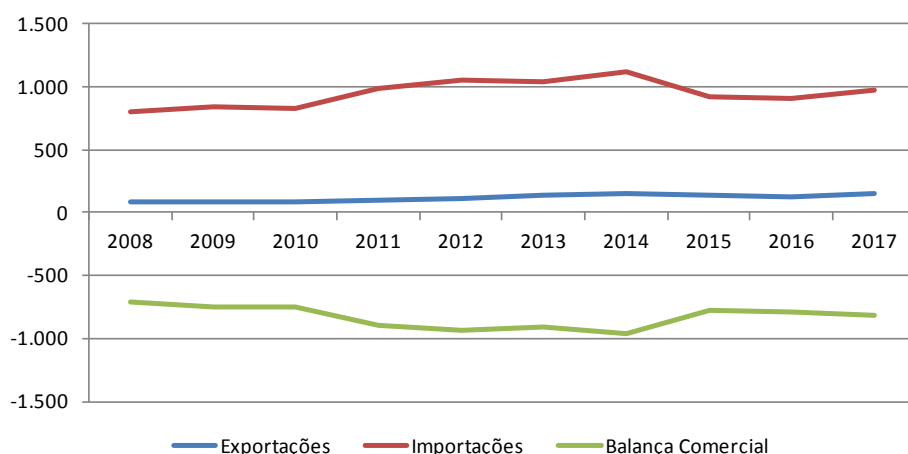
Classes CNAE	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Fabricação de aguardentes e outras bebidas destiladas	85.196	91.788	115.826	152.385	172.675	176.490	162.124	152.759	114.127	149.483
Fabricação de vinho	187.186	196.888	252.820	296.300	302.347	292.935	327.271	294.464	283.816	372.544
Fabricação de malte, cervejas e chopes	522.352	547.095	463.872	543.425	580.183	567.009	629.149	467.251	511.743	445.463
Total	794.735	835.770	832.518	992.110	1.055.205	1.036.434	1.118.543	914.473	909.685	967.490

Fonte: FUNCEXDATA (2018). Elaboração do BNB/ETENE.

Os dados referentes ao comércio exterior mostram que a balança comercial da indústria de bebidas alcoólicas brasileira tem sido amplamente deficitária no período analisado, totalizando US\$ 810 milhões de déficit em 2017, o que é de difícil reversão no futuro próximo, tendo em vista o grande espaço que algumas bebidas importadas têm no Brasil, bebidas essas em que há dificuldade de adoção de estratégias de substituição de importações, em função de suas características de produção.

Com relação aos principais parceiros do Brasil no comércio exterior de bebidas alcoólicas, as tabelas 6 e 7 apresentam, respectivamente, os dez principais países de destino das exportações e os dez principais países de origem das importações em diferentes anos.

Gráfico 3 – Balança comercial da indústria brasileira de bebidas alcoólicas no período 2008-2017 (US\$ milhões FOB)



Fonte: FUNCEXDATA (2018). Elaboração do BNB/ETENE.

Tabela 6 – Principais países de destino das exportações brasileiras de bebidas alcoólicas (US\$ FOB): 2008 x 2012 x 2017

Países	2008	%	2012	%	2017	%
Paraguai	20.737.225	25,6%	45.516.447	39,1%	76.443.572	48,6%
Argentina	3.512.138	4,3%	5.923.830	5,1%	28.606.556	18,2%
Bolívia	5.573.456	6,9%	14.498.185	12,5%	12.615.376	8,0%
Estados Unidos	5.494.841	6,8%	3.869.525	3,3%	5.974.938	3,8%
Uruguai	3.442.144	4,2%	4.839.463	4,2%	5.909.571	3,8%
Alemanha	5.237.456	6,5%	2.423.665	2,1%	2.927.549	1,9%
África do Sul	3.408	0,0%	3.248.986	2,8%	2.847.405	1,8%
Haiti	77.934	0,1%	1.874.034	1,6%	2.729.055	1,7%
Cuba	538.221	0,7%	1.378.779	1,2%	2.048.729	1,3%
Chile	947.973	1,2%	1.635.442	1,4%	1.734.835	1,1%
Sub-total	45.564.796	56,1%	85.208.356	73,2%	141.837.586	90,3%
Outros	35.583.751	43,9%	31.137.653	26,8%	15.311.491	9,7%
Total	81.148.547	100,0%	116.346.009	100,0%	157.149.077	100,0%

Fonte: MDIC (2017). Elaboração do autor.

Tabela 7 – Principais países de origem das importações brasileiras de bebidas alcoólicas (US\$ FOB): 2008 x 2012 x 2017

Países	2008	%	2012	%	2017	%
Argentina	248.170.440	31,2%	302.280.760	28,6%	252.237.212	26,1%
Uruguai	143.337.643	18,0%	204.858.105	19,4%	184.499.879	19,1%
Chile	51.035.509	6,4%	93.959.702	8,9%	147.082.096	15,2%
Reino Unido	68.130.939	8,6%	123.593.106	11,7%	91.879.834	9,5%
França	48.948.125	6,2%	83.158.577	7,9%	51.284.482	5,3%
Portugal	24.176.093	3,0%	36.817.628	3,5%	45.995.287	4,8%
Itália	29.701.265	3,7%	37.255.761	3,5%	41.010.912	4,2%
Bélgica	54.845.887	6,9%	61.806.276	5,9%	35.431.636	3,7%
Estados Unidos	4.364.812	0,5%	9.297.599	0,9%	27.584.187	2,9%
Espanha	7.552.857	1,0%	18.287.779	1,7%	27.317.250	2,8%
Sub-total	680.263.570	85,6%	971.315.293	92,0%	904.322.775	93,5%
Outros	114.471.180	14,4%	83.889.526	8,0%	63.166.804	6,5%
Total	794.734.750	100,0%	1.055.204.819	100,0%	967.489.579	100,0%

Fonte: MDIC (2017). Elaboração do autor.

Analisando-se os dados de 2017, percebe-se que as exportações de bebidas alcoólicas têm como principais destinos países da América Latina, que, juntos, absorvem 83% do valor das exportações. Como o mercado brasileiro de cervejas é dominado por grandes multinacionais, o Brasil funciona como importante abastecedor desses países, notadamente Paraguai, Argentina e Bolívia.

Por outro lado, no que diz respeito às importações, os países produtores das principais bebidas importadas têm destaque: vinho (Argentina, Uruguai, Chile, França, Portugal, Itália, Espanha e Estados Unidos), uísque (Reino Unido) e cerveja (Bélgica e Estados Unidos). Conforme supracitado, torna-se muito difícil estabelecer uma política de substituição de importações de bebidas oriundas desses países, principalmente nos casos dos vinhos e uísques.

3.2 Emprego e capacidade instalada

Após dois anos de forte retração econômica (2015 e 2016), a economia brasileira apresentou uma leve recuperação em 2017, com crescimento de 1% do PIB, inflação dentro da meta e queda dos juros. Entretanto, a taxa de

desemprego segue elevada, o que tem reflexo na renda dos consumidores e, portanto, no consumo de bens em geral, e bebidas, em particular.

Na indústria de bebidas alcoólicas do Brasil, os números relativos ao emprego mostram que em dois momentos o setor apresentou desaceleração: entre 2007 e 2009, o que pode estar associado à crise econômica mundial de 2008; e entre 2014 e 2016, como reflexo do cenário econômico interno. Com isso, o crescimento acumulado do emprego no setor, entre 2007 e 2016, foi de 6,1% no Brasil e 8,0% no Nordeste, sendo que no Nordeste, o emprego apresentou trajetória consistente de crescimento até 2014, com forte queda nos anos seguintes. Como destaque nacional no período, têm-se os Estados de Minas Gerais (73,6%) e Maranhão (71,9%). Além do Maranhão, destaca-se positivamente no Nordeste a Bahia (42,2%) (Tabela 7), resultado esse influenciado pela instalação de unidade produtiva da Cervejaria Petrópolis nesse Estado. Por outro lado, o resultado negativo do Rio Grande do Norte (-56,9%), mais acentuado nos dois últimos anos do período, sofreu influência do fechamento de uma fábrica da Ambev no Estado, anunciado no final de 2015.

Tabela 8 – Evolução do emprego na indústria de bebidas alcoólicas no período 2007-2016: Brasil, Nordeste e UF

Estado	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Acre	8	10	35	39	55	3	4	5	6	4
Alagoas	18	32	41	43	45	17	54	27	34	39
Amapá	0	0	0	0	12	9	4	8	4	2
Amazonas	807	593	757	871	944	1.037	919	873	779	721
Bahia	1.755	1.836	1.792	2.030	2.061	2.107	2.522	2.527	2.238	2.496
Ceará	2.863	3.340	3.381	3.369	3.303	3.455	3.179	3.300	2.877	2.576
Distrito Federal	410	421	383	400	425	1.954	312	269	104	86
Espírito Santo	222	209	217	203	254	304	328	195	177	165
Goiás	1.919	2.036	1.777	1.886	1.973	1.984	2.082	1.964	1.849	2.045
Maranhão	818	1.020	785	1.055	1.169	1.213	1.418	1.557	1.503	1.406
Mato Grosso	806	820	862	1.058	1.216	1.194	1.261	1.164	1.276	1.295
Mato Grosso do Sul	210	170	235	261	221	49	68	38	19	16
Minas Gerais	1.707	1.681	2.054	2.077	2.260	2.513	4.069	2.962	2.967	2.963
Pará	695	698	701	911	908	963	981	924	943	943
Paraíba	1.185	1.230	1.187	1.310	1.338	1.367	1.379	1.297	1.194	1.024
Paraná	1.622	1.671	1.815	1.760	1.798	1.397	1.402	1.593	1.628	1.674
Pernambuco	3.569	3.248	4.041	3.867	7.406	6.993	7.067	7.116	5.914	4.203
Piauí	551	600	627	626	631	611	545	546	517	476
Rio de Janeiro	6.678	5.282	4.764	5.603	6.105	6.231	6.114	6.030	6.073	5.890
Rio Grande do Norte	712	881	916	842	819	868	811	863	365	307
Rio Grande do Sul	4.211	3.981	4.370	4.482	4.912	5.075	4.761	5.218	5.329	5.103
Rondônia	21	118	159	180	157	1	1	0	0	0
Roraima	0	0	0	0	0	0	10	7	6	2
Santa Catarina	1.315	1.390	1.463	1.513	1.676	1.686	1.832	1.877	1.777	1.782
São Paulo	16.849	15.468	14.306	13.677	14.425	15.449	16.326	16.563	16.609	16.830
Sergipe	513	367	415	522	500	500	478	462	447	413
Tocantins	2	1	2	2	0	0	0	0	0	0
Região Nordeste	11.984	12.554	13.185	13.664	17.272	17.131	17.453	17.695	15.089	12.940
Brasil	49.466	47.103	47.085	48.587	54.613	56.980	57.927	57.385	54.635	52.461

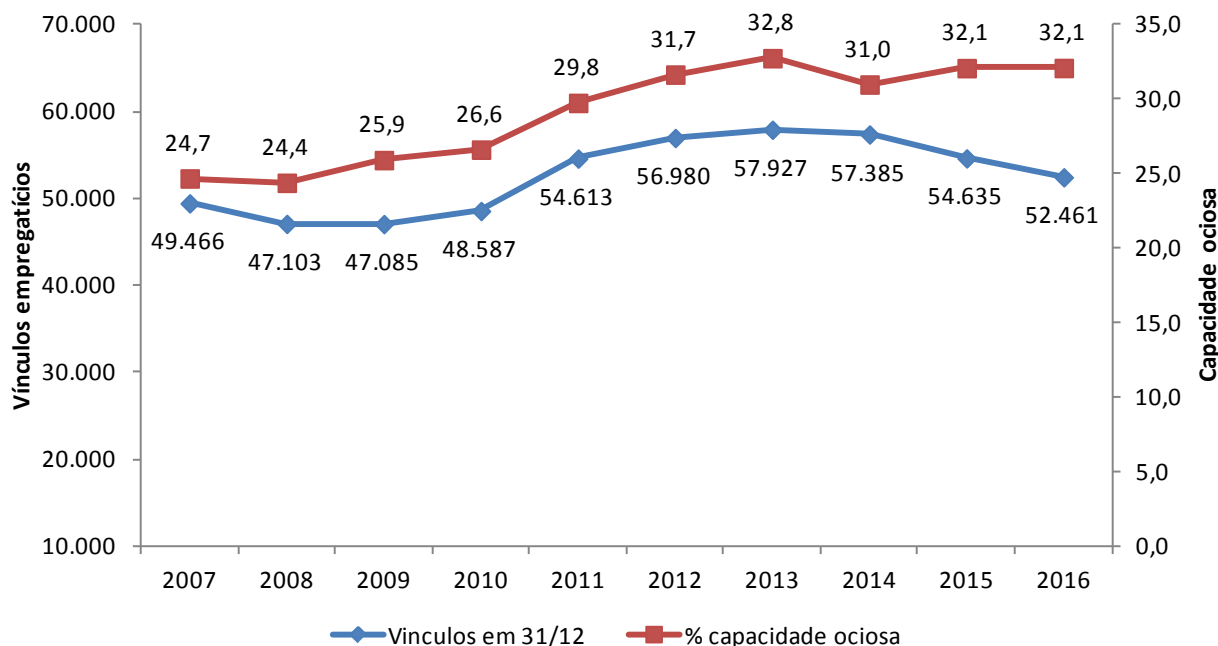
Fonte: MTE/RAIS (2017). Elaboração do ETENE/BNB.

Mesmo com o crescimento observado para o emprego em boa parte do período analisado, a capacidade ociosa do setor tem mantido uma trajetória de crescimento, com alguns momentos de queda, variando de um mínimo de 24,4% em 2008 a um máximo de 32,8% em 2013, conforme pode ser observado no **Gráfico 4**.

O índice de utilização da capacidade produtiva do setor, que variou de 67,2% a 75,6%, está abaixo da média da

indústria de transformação, o que indica que a indústria de bebidas tem operado com sobrecapacidade ao longo dos últimos anos, o que pode ser considerado um indicador de que não deverá haver grandes investimentos em ampliação da capacidade por parte das empresas do setor, especialmente nos segmentos mais tradicionais. Possíveis investimentos devem ser direcionados para adaptações relacionadas a mudanças no mix de produtos e na diferenciação.

Gráfico 4 – Desempenho recente do número de empregos e capacidade ociosa¹ da indústria brasileira de bebidas alcoólicas: 2007 a 2016



Fonte: MTE/RAIS (2017) e CNI (2017). Elaboração do autor.

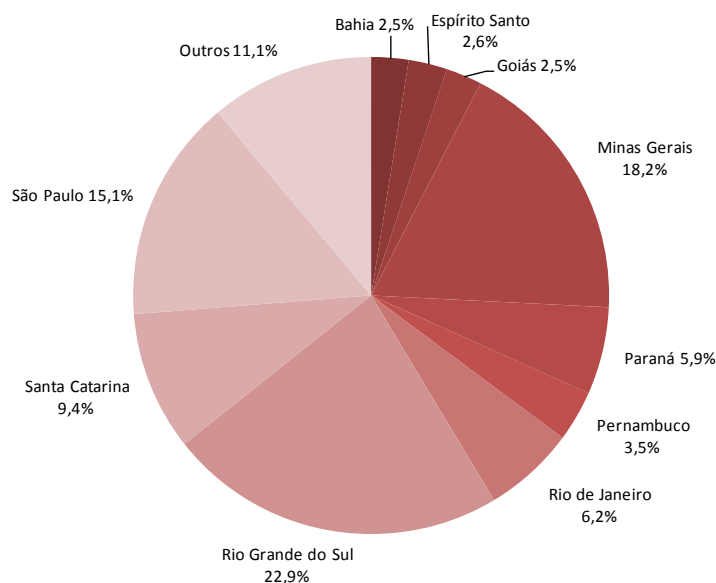
Nota: (1) A capacidade ociosa informada considera toda a indústria de bebidas, inclusive de bebidas não alcoólicas.

4 DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DA PRODUÇÃO

Conforme supracitado, a indústria de bebidas alcoólicas, apesar de não ser um setor intensivo em mão de obra, em termos absolutos, constitui grande empregador, com dezenas de milhares de empregos distribuídos em todo o Brasil. O setor possui ampla distribuição regional da produção, devido às características dos produtos, que têm a água como insumo básico. Em 2016, a indústria de bebidas alcoólicas concentrava 0,8% dos empregos da indústria de transformação do Brasil e 1,4% dos empregos da indústria de transformação do Nordeste. Logo, a indústria de bebidas alcoólicas tem maior importância para a geração de empregos no Nordeste do que no Brasil.

Apesar de haver da citada distribuição regional da produção, com a presença de unidades produtivas em todos os estados brasileiros, percebe-se que, em nível regional (grandes regiões), há uma concentração da produção nos estados mais populosos (**Gráfico 5**). A partir das plantas industriais localizadas nesses estados, há uma distribuição dos produtos para os demais estados da mesma região.

Gráfico 5 – Distribuição geográfica (%) das empresas brasileiras da indústria de bebidas alcoólicas em 2016



Fonte: MTE/RAIS (2018). Elaboração do ETENE/BNB.

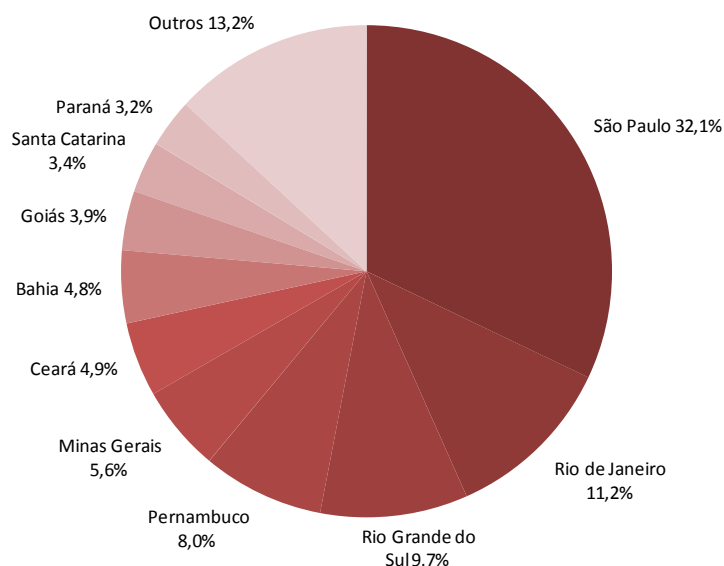
As exceções entre os dez estados mais populosos na lista dos dez estados com maior número de estabelecimentos da indústria de bebidas alcoólicas são o Ceará, o Maranhão e o Pará. Santa Catarina (11º estado mais populoso), Goiás (12º estado mais populoso) e Espírito Santo (15º estado mais populoso) fazem parte da lista, o primeiro possivelmente por conta da disponibilidade de água de melhor qualidade e da forte presença de cervejarias artesanais, e o segundo, por conta de sua importância logística para o abastecimento do mercado da Região Centro-Oeste.

No caso dos empregos, a lógica é a mesma observada para o número de estabelecimentos, tendo em vista que a única mudança que se observou na relação dos dez estados com maior número de vínculos empregatícios em 2016 foi a inclusão do Ceará no lugar do Espírito Santo (**Gráfico 6**). Nos dez estados com maior número de empregos no setor, houve aumento da concentração dos empregos no Estado de São Paulo (32,1%) em comparação com o número de estabelecimentos (15,1%).

Fenômeno semelhante ocorre com Rio de Janeiro (11,2% dos empregos e 6,2% dos estabelecimentos) e Pernambuco (8,0% dos empregos e 3,5% dos estabelecimentos), Bahia, Ceará e Goiás, o que denota a predominância de grandes empresas do setor nesses estados, especialmente produtoras de cervejas e subsidiárias de multinacionais produtoras de outros tipos de bebidas alcoólicas. Por outro lado, no caso do Rio Grande do Sul (22,9% dos estabelecimentos, 9,7% dos empregos), Minas Gerais (18,2% dos estabelecimentos, 5,6% dos empregos), Santa Catarina (9,4% dos estabelecimentos, 3,4% dos empregos), bem como em outros estados (Espírito Santo e Paraná), ocorre exatamente o contrário, ou seja, há maior concentração relativa de empresas do que de empregos, configurando-se a predominância de empresas de menor porte, denotando um caráter mais artesanal da produção de bebidas alcoólicas nesses estados.

Em termos de evolução das quantidades de empresas (**Tabela 9**) e empregos (**Tabela 10**), não foram observadas mudanças significativas de representatividade na grande maioria dos estados no período considerado. Destaca-

Gráfico 6 – Distribuição geográfica (%) dos empregos na indústria de bebidas alcoólicas brasileira em 2016



Fonte: MTE/RAIS (2018). Elaboração do ETENE/BNB.

se o aumento de 38% da participação de Santa Catarina no total de empresas do setor (de 6,5% em 2007 para 9,0% em 2016), bem como o aumento de participação da Paraíba de 53% (de 1,5% para 2,3%) e a queda da participação da Bahia em 37% (de 4,0% para 2,5%). Quanto à distribuição dos empregos, merecem destaque no Nordeste os aumentos de participação relativa no emprego dos estados da Bahia e do Maranhão.

A indústria de bebidas alcoólicas do Nordeste concentra 13,5% dos estabelecimentos e 24,7% dos empregos. O percentual de empregos bem maior do que o percentual de estabelecimentos indica a predominância de empresas de maior porte na indústria de bebidas alcoólicas na Região. Já na Região Sul (38,3% dos estabelecimentos e 16,3% dos empregos), ocorre exatamente o contrário, com grande influência do quadro do Rio Grande do Sul, o que é consequência da concentração de produtores de vinhos naquele Estado, no qual 85,8% das empresas possuem até 9 funcionários, configurando-se como microempresas.

Tabela 9 – Distribuição geográfica (%) das empresas brasileiras da indústria de bebidas alcoólicas: 2007 a 2016

Estado	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Acre	0,1%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,1%	0,2%	0,1%	0,1%
Alagoas	0,4%	0,5%	0,4%	0,3%	0,5%	0,5%	0,6%	0,5%	0,6%	0,5%
Amapá	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,1%	0,1%	0,2%	0,1%	0,1%
Amazonas	0,4%	0,5%	0,4%	0,4%	0,4%	0,5%	0,4%	0,5%	0,8%	0,5%
Bahia	4,0%	3,8%	3,6%	3,2%	3,6%	3,2%	2,6%	2,7%	2,5%	2,5%
Ceará	2,2%	2,4%	2,5%	2,4%	2,4%	2,6%	2,3%	2,4%	1,9%	2,1%
Distrito Federal	0,4%	0,4%	0,2%	0,2%	0,3%	0,7%	0,3%	0,2%	0,2%	0,2%
Espírito Santo	3,0%	2,9%	3,3%	3,1%	2,9%	3,0%	2,7%	2,3%	2,5%	2,6%
Goiás	3,3%	3,0%	2,7%	2,9%	2,8%	2,5%	2,6%	2,5%	2,2%	2,5%
Maranhão	0,7%	0,6%	0,8%	0,7%	0,8%	0,6%	0,9%	1,0%	1,0%	0,8%
Mato Grosso	1,1%	0,6%	1,1%	1,0%	0,8%	0,9%	0,9%	1,1%	1,2%	1,3%
Mato Grosso do Sul	0,5%	0,5%	0,5%	0,7%	0,8%	0,7%	0,7%	0,8%	0,6%	0,5%
Minas Gerais	19,4%	19,0%	18,8%	19,3%	19,0%	18,4%	19,6%	19,1%	18,4%	18,2%
Pará	0,7%	0,8%	0,8%	1,0%	0,9%	0,6%	0,8%	0,8%	0,7%	0,8%
Paraíba	1,5%	2,1%	2,0%	2,2%	2,4%	2,4%	2,7%	2,2%	2,1%	2,3%
Paraná	4,7%	4,3%	4,4%	4,2%	4,3%	5,1%	4,9%	5,3%	5,8%	5,9%
Pernambuco	3,7%	3,7%	3,9%	4,5%	4,1%	4,1%	3,8%	3,7%	3,7%	3,5%
Piauí	0,5%	0,7%	0,8%	0,7%	0,7%	0,7%	0,7%	0,4%	0,5%	0,5%
Rio de Janeiro	6,1%	6,4%	5,4%	5,9%	6,3%	6,2%	5,9%	6,2%	6,1%	6,2%
Rio Grande do Norte	0,7%	0,8%	0,8%	0,8%	0,5%	0,6%	0,6%	0,6%	0,6%	0,7%
Rio Grande do Sul	22,7%	21,3%	21,6%	21,5%	21,8%	22,3%	21,3%	22,5%	23,0%	22,9%
Rondônia	0,6%	0,8%	0,9%	0,8%	0,5%	0,6%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
Roraima	0,0%	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,1%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%
Santa Catarina	6,5%	7,5%	8,0%	7,9%	8,1%	7,8%	8,6%	8,5%	9,3%	9,4%
São Paulo	16,0%	16,8%	16,6%	15,8%	15,2%	15,3%	16,0%	15,7%	15,3%	15,1%
Sergipe	0,4%	0,2%	0,2%	0,3%	0,4%	0,4%	0,5%	0,6%	0,5%	0,5%
Tocantins	0,1%	0,2%	0,2%	0,2%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: MTE/RAIS (2017). Elaboração do ETENE/BNB.

Tabela 10 – Distribuição geográfica (%) dos empregos da indústria de bebidas alcoólicas por UF: 2006 a 2015

Estado	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Acre	0.0%	0.0%	0.1%	0.1%	0.1%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%
Alagoas	0.0%	0.1%	0.1%	0.1%	0.1%	0.0%	0.1%	0.0%	0.1%	0.1%
Amapá	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%
Amazonas	1.6%	1.3%	1.6%	1.8%	1.7%	1.8%	1.6%	1.5%	1.4%	1.4%
Bahia	3.5%	3.9%	3.8%	4.2%	3.8%	3.7%	4.4%	4.4%	4.1%	4.8%
Ceará	5.8%	7.1%	7.2%	6.9%	6.0%	6.1%	5.5%	5.8%	5.3%	4.9%
Distrito Federal	0.8%	0.9%	0.8%	0.8%	0.8%	3.4%	0.5%	0.5%	0.2%	0.2%
Espírito Santo	0.4%	0.4%	0.5%	0.4%	0.5%	0.5%	0.6%	0.3%	0.3%	0.3%
Goiás	3.9%	4.3%	3.8%	3.9%	3.6%	3.5%	3.6%	3.4%	3.4%	3.9%
Maranhão	1.7%	2.2%	1.7%	2.2%	2.1%	2.1%	2.4%	2.7%	2.8%	2.7%
Mato Grosso	1.6%	1.7%	1.8%	2.2%	2.2%	2.1%	2.2%	2.0%	2.3%	2.5%
Mato Grosso do Sul	0.4%	0.4%	0.5%	0.5%	0.4%	0.1%	0.1%	0.1%	0.0%	0.0%
Minas Gerais	3.5%	3.6%	4.4%	4.3%	4.1%	4.4%	7.0%	5.2%	5.4%	5.6%

Continua na próxima página...

Estado	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Pará	1.4%	1.5%	1.5%	1.9%	1.7%	1.7%	1.7%	1.6%	1.7%	1.8%
Paraíba	2.4%	2.6%	2.5%	2.7%	2.4%	2.4%	2.4%	2.3%	2.2%	2.0%
Paraná	3.3%	3.5%	3.9%	3.6%	3.3%	2.5%	2.4%	2.8%	3.0%	3.2%
Pernambuco	7.2%	6.9%	8.6%	8.0%	13.6%	12.3%	12.2%	12.4%	10.8%	8.0%
Piauí	1.1%	1.3%	1.3%	1.3%	1.2%	1.1%	0.9%	1.0%	0.9%	0.9%
Rio de Janeiro	13.5%	11.2%	10.1%	11.5%	11.2%	10.9%	10.6%	10.5%	11.1%	11.2%
Rio Grande do Norte	1.4%	1.9%	1.9%	1.7%	1.5%	1.5%	1.4%	1.5%	0.7%	0.6%
Rio Grande do Sul	8.5%	8.5%	9.3%	9.2%	9.0%	8.9%	8.2%	9.1%	9.8%	9.7%
Rondônia	0.0%	0.3%	0.3%	0.4%	0.3%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%
Roraima	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%
Santa Catarina	2.7%	3.0%	3.1%	3.1%	3.1%	3.0%	3.2%	3.3%	3.3%	3.4%
São Paulo	34.1%	32.8%	30.4%	28.1%	26.4%	27.1%	28.2%	28.9%	30.4%	32.1%
Sergipe	1.0%	0.8%	0.9%	1.1%	0.9%	0.9%	0.8%	0.8%	0.8%	0.8%
Tocantins	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: MTE/RAIS (2016). Elaboração do ETENE/BNB.

5 PERSPECTIVAS

Nas previsões disponíveis sobre o comportamento do mercado mundial de bebidas alcoólicas para os próximos anos, predomina a visão de que o crescimento será moderado, um pouco acima de 2% ao ano até 2020 (Technavio, 2017). A crescente demanda por bebidas alcoólicas *premium* é considerada um dos principais fatores para o crescimento deste mercado. Devido ao aumento do rendimento disponível dos clientes, o consumo de álcool passou a ser considerado um símbolo de status, e a associação de rótulos *premium* a aspectos como qualidade e sabor faz com que as marcas *premium* tenham um crescimento maior na demanda, em comparação com as bebidas econômicas. Entretanto, Euromonitor International (2018b) alerta que esse crescimento no segmento *premium* tem ocorrido lastreado no crescimento da economia mundial, embora esse crescimento tenha sido moderado nos últimos anos. A cautela precisa ser exercida, pois um foco monodimensional na “premiumização” - o principal motivador para as vendas de bebidas alcoólicas por vários anos - tem o potencial de sair pela culatra, caso os riscos de decréscimo da economia mundial, associado a problemas como o Brexit, o fator Trump e o “pouso chinês” realmente se materialize.

Esse crescimento em torno de 2% aparece nas previsões da Euromonitor International (2018), que destacam entre os dez maiores mercados consumidores do mundo, em termos de crescimento do consumo de bebidas alcoólicas, o México, a Índia e a Espanha, que apresentarão taxas de crescimento acima das previstas para o mercado mundial, conforme se pode verificar nas tabelas 11 e 12.

Tabela 11 – Consumo previsto de bebidas alcoólicas nos dez principais mercados mundiais (em milhões de litros): 2017 a 2021

Localidade	2017	2018	2019	2020	2021
China	55.014	54.291	53.909	53.856	54.115
EUA	30.475	30.497	30.525	30.554	30.563
Brasil	13.891	14.042	14.252	14.501	14.787
Alemanha	11.631	11.556	11.464	11.356	11.231
Rússia	9.712	9.503	9.351	9.249	9.199
México	8.378	8.606	8.800	8.988	9.173
Japão	8.853	8.887	8.925	8.960	8.998
Índia	5.965	6.314	6.725	7.202	7.759
Reino Unido	7.445	7.466	7.494	7.525	7.559
Espanha	5.015	5.136	5.260	5.389	5.524
Outros	79.023	80.478	82.162	83.904	85.707
Mundo	235.403	236.777	238.866	241.483	244.615

Fonte: Euromonitor International (2018).

Tabela 12 – Crescimento anual (%) previsto do consumo de bebidas alcoólicas nos dez principais mercados mundiais: 2016 a 2020

Localidade	2017	2018	2019	2020	2021
China	-2,0%	-1,3%	-0,7%	-0,1%	0,5%
EUA	0,4%	0,1%	0,1%	0,1%	0,0%
Brasil	-0,4%	1,1%	1,5%	1,7%	2,0%
Alemanha	-0,5%	-0,6%	-0,8%	-0,9%	-1,1%
Rússia	-2,6%	-2,1%	-1,6%	-1,1%	-0,5%
Japão	0,1%	0,4%	0,4%	0,4%	0,4%
México	4,0%	2,7%	2,3%	2,1%	2,1%
Reino Unido	0,1%	0,3%	0,4%	0,4%	0,4%
Índia	5,4%	5,8%	6,5%	7,1%	7,7%
Espanha	2,2%	2,4%	2,4%	2,5%	2,5%
Mundo	1,1%	1,8%	2,1%	2,1%	2,1%

Fonte: Euromonitor International (2017). Elaboração do ETENE/BNB.

Nos números do mercado internacional chama atenção a previsão de crescimento bem abaixo de 2% em 2017 (1,1%) e a previsão de queda no consumo do maior mercado mundial, a China, entre 2017 e 2020, tendência essa diferente do que estava previsto até o ano passado pelas diferentes publicações especializadas.

O mercado brasileiro, que apresentou queda de consu-

mo em 2015 e 2016, deve manter a queda em 2017 (dados realizados ainda não disponíveis), mas com tendência de recuperação a partir de 2018, embora com taxa de crescimento abaixo da média mundial, com destaque para o grande crescimento das chamadas RDTs (*Ready-to-drinks*) e pré-misturas de alta concentração alcoólica (Tabelas 13 e 14).

Tabela 13 – Consumo previsto de bebidas alcoólicas no Brasil por tipo (em milhares de litros): 2017 a 2021

Tipos de Bebidas	2017	2018	2019	2020	2021
Cerveja	12.694.500	12.806.300	12.984.800	13.212.500	13.480.900
Vodca, Whisky, Cachaça, Gin e outros	680.882	671.236	666.033	663.373	662.464
Vinho	336.000	337.400	342.400	349.700	359.500
RDT/Pré-misturas de alta concentração	163.459	210.097	241.744	258.287	267.120
Cidras	16.440	16.766	17.035	17.264	17.454
Total	13.891.280	14.041.799	14.252.012	14.501.124	14.787.439

Fonte: Euromonitor International (2016).

Considerando o comportamento recente do mercado brasileiro, Euromonitor International (2016) destaca

Tabela 14 – Crescimento anual (%) previsto do consumo de bebidas alcoólicas no Brasil por tipo: 2017 a 2021

Tipos de Bebidas	2017	2018	2019	2020	2021
Cerveja	-0,6%	0,9%	1,4%	1,8%	2,0%
Vodca, Whisky, Cachaça, Gin e outros	-2,3%	-1,4%	-0,8%	-0,4%	-0,1%
Vinho	-1,5%	0,4%	1,5%	2,1%	2,8%
RDT/Pré-misturas de alta concentração	45,6%	28,5%	15,1%	6,8%	3,4%
Cidras	2,2%	2,0%	1,6%	1,3%	1,1%
Total	-0,4%	1,1%	1,5%	1,7%	2,0%

Fonte: Euromonitor International (2016). Elaboração do ETENE/BNB.

algumas tendências relacionadas às bebidas alcoólicas nos próximos anos (até 2020):

Quadro 2 – Tendências-chave do mercado brasileiro de bebidas alcoólicas

Tendência	Principais Argumentos	Perspectiva
Polarização do segmento de vodcas: diferenciação é um aspecto-chave	O consumo de vodca nos últimos anos (4% em 2015) no Brasil, apesar da situação econômica desfavorável. Esse desempenho foi muito melhor do que o conjunto dos <i>spirits</i> (categoria da qual a vodca faz parte), que apresentaram declínio nas vendas. Os consumidores de alta renda, menos afetados pela situação econômica desfavorável, têm mantido o consumo de suas marcas favoritas, independentemente do preço. Marcas tais como Ciroc, Wyborowa e Skyy Vodka estão se tornando atraentes para o público jovem. Em linhas gerais, os produtos de maior valor agregado estão à frente da concorrência, enquanto os produtos de menor valor, com pouco ou nenhuma diferenciação, enfrentarão dificuldades.	Enquanto para as bebidas em geral da categoria <i>spirit</i> se espera que permaneçam em declínio nos próximos anos, as vodcas devem registrar crescimento de 5% ao ano.
Novos canais de distribuição emergem para as cervejas artesanais (<i>craft beer</i>) no Brasil. Ex: Barbearias	À medida que as cervejas artesanais emergem e se tornam a norma entre os consumidores - e ganham vendas - surgem novas oportunidades para a distribuição de tais produtos. Um dos movimentos mais inovadores, neste sentido, refere-se às vendas de cerveja artesanal em barbearias, com o objetivo de alcançar principalmente homens jovens de níveis de renda média e alta.	Como muitos destes novos fabricantes de cervejas artesanais ainda têm uma produção de volume limitado, posicionar seus produtos em grandes bares ou canais de varejo é geralmente insustentável. Desta forma, descobrir e explorar diferentes canais é uma estratégia-chave para que eles permaneçam no mercado e estabeleçam uma relação leal com seus consumidores. Diversificação e variedade são essenciais para esse segmento de mercado.
Lançamentos-chave de novos produtos RDTs	Na ausência de lançamentos inovadores de novos produtos em anos anteriores, a categoria de RDTs/pré-misturas de alta concentração registraram um forte crescimento a partir de 2014. Com o lançamento do Skol Beats Senses pela AMBEV, uma RTD baseada em malte, a categoria parece renascer. A então dominação desse mercado exercida pela Diageo do Brasil, com a marca Smirnoff Ice - com 46% de participação total no volume -, começou a sofrer ameaças. Em 2015, essa tendência se tornou mais forte, com o lançamento da Skol Beats Spirits, em embalagem verde, e com um sabor de maçã verde. Esses produtos, pelas suas características, juntamente com as suas promoções e descontos agressivos, atraem consumidores jovens. Além disso, as principais cadeias de varejo contribuíram para manter estes produtos atrativos, apesar da situação econômica desfavorável.	A categoria irá se beneficiar da alta lealdade entre os jovens consumidores em relação à marca Skol. Isso deve gerar um desempenho dinâmico para as RTDs/pré-misturas de alta concentração nos próximos anos. As RTDs de malte deverão atingir um volume de vendas de 84 milhões de litros em 2020. Em termos de impacto nas estratégias dos concorrentes, espera-se que essa projeção beneficie não só a AMBEV, mas também outros players que ingressam na categoria. As vendas já foram impulsionadas pelo lançamento da Smirnoff Ice Storm pela Diageo. Para ter sucesso nessa categoria, no entanto, parece fundamental ter uma estratégia de comunicação clara dirigida aos consumidores masculinos e femininos, oferecer sabores atraentes e posicionar as marcas como algo legal e divertido para os jovens consumidores - a mais importante categoria demográfica.

Fonte: Adaptado de Euromonitor International (2016).

Essas tendências apresentadas devem ser consideradas quando da análise de pertinência e viabilidade de novos investimentos do setor de bebidas alcoólicas no Nordeste.

Apesar da característica do setor de possuir ampla distribuição regional da produção, devido às características dos produtos, que têm a água como insumo básico, o que torna a opção de produzir localmente mais racional, para a Região Nordeste isso pode se configurar como um fator crítico, tendo em vista a carência de água em boa parte do território nordestino, notadamente após períodos de estiagem prolongada, tais como os vivenciados nos últimos anos.

Adicionalmente, em se tratando da produção de cervejas, é importante ressaltar que nos últimos anos houve um acréscimo importante da capacidade de produção no Nordeste, com a entrada em operação de duas novas plantas da Cervejaria Petrópolis, na Bahia (2013) e em Pernambuco (2015). Por outro lado, a AMBEV encerrou as operações da sua fábrica do Rio Grande do Norte no início de 2016, revelando como motivo o aumento do ICMS sobre bebidas alcoólicas naquele estado. Entretanto, como a produção foi direcionada para outros estados, há uma indicação clara de sobre capacidade da empresa na Região.

Por outro lado, o grande crescimento observado na produção e consumo de cervejas artesanais torna necessário um monitoramento mais cuidadoso do comportamento desse segmento no Nordeste, para que não haja o risco de sobre oferta nos próximos anos, especialmente se considerando que o fator renda é muito importante para o consumo de produtos desse segmento.

Nesse sentido, as necessidades de investimentos e, conseqüentemente, de financiamentos, devem estar relacionadas à fabricação de produtos que atenderão a nichos específicos de mercado, e que estejam alinhados aos novos direcionadores destacados no Quadro 2, como por exemplo, a produção de cervejas artesanais ou RDTs, não se esquecendo do monitoramento supracitado. Outra possibilidade é o financiamento à modernização de processos produtivos, especialmente aquelas que impliquem a racionalização do consumo de insumos, tais como água e energia.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO. **Números do setor – Faturamento**. Disponível em <https://www.abia.org.br/vsn/anexos/faturamento2016.pdf> Acesso em 13 Mar. 2018.
- CERVIERI JÚNIOR, O.; TEIXEIRA JUNIOR, J. R.; GALINARI, R.; RAWET, E. L.; SILVEIRA, C. T. J. O setor de bebidas no Brasil. **BNDES Setorial**, n. 40, p. 93-130, 2014.
- EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Alcoholic Drinks in Brazil: industry overview**. London: Euromonitor International, 2016.
- EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Market Sizes: historical/forecast**. London: Euromonitor International, 2018a.
- EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Alcoholic Drinks: quarterly statement Q1**. London: Euromonitor International, 2018b.
- FUNCEXDATA. **Estatísticas de comércio exterior**. Disponível em <http://www.funcexdata.com.br/busca.asp> Acesso em 11 Abr. 2018 (Acesso Restrito).
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa industrial anual – PIA Produto**. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5807> Acesso em 26 Abr. 2018.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO – MTE. **Relação anual de informações sociais**. Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php> Acesso em 26 Abr. 2018.
- MÜLLER, C. V.; MARCUSSO, E. F. **Anuário da cerveja no Brasil**. Disponível em <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/inspecao/produtos-vegetal/pasta-publicacoes-DIPOV/AnuariodacervejanoBrasil09.01.pdf> Acesso em 18 Mai. 2018.
- SERASA EXPERIAN. **Setorise Refrigerantes e Cervejas Abril 2015**. Disponível em <http://d001www06/ambestudospesqaval/analisesetoriais/docs/setorise/brasil/Cervejas%20e%20Refrigerantes.pdf> Acesso em 09 Fev. 2017 (Acesso Restrito).
- TECHNAVIO. **Global Alcoholic Drinks Market 2016-2020**. Disponível em <http://www.technavio.com/report/global-alcoholic-beverages-alcoholic-drinks-market> Acesso em 08 Fev. 2017.
- TRANSPARENCY MARKET RESEARCH. **Alcoholic Beverage Market - Global Industry Analysis, Size, Share, Growth, Trends and Forecast 2017 – 2025**. Disponível em <https://www.transparencymarketresearch.com/alcoholic-beverages-market.html> Acesso em 30 Abr. 2018.

ANÁLISES DISPONÍVEIS

- [Carnes: não basta ser líder em volume, tem que faturar](#)
- [Gastos na cadeia de saúde dos estados do Nordeste, Norte de Minas gerais e do Norte do Espírito Santo](#)
- [Produção de mel na área de atuação do BNB entre 2011 e 2016](#)
- [Indústria de alimentos](#)
- [Produção de algodão](#)
- [Setor sucroenergético nordestino](#)
- [Shopping centers](#)
- [Petróleo e gás natural](#)
- [Cajucultura nordestina continua em declínio](#)
- [Rochas ornamentais: novas perspectivas de investimento](#)
- [Textile industry \(english version\)](#)
- [Produção de Grãos: feijão, milho e soja](#)
- [Turismo no Nordeste: aspectos gerais](#)
- [A adaptação do Nordeste ao cenário de modernização da cocoicultura](#)
- [Indústria petroquímica](#)
- [Infraestrutura de saneamento na região Nordeste](#)
- [Desempenho da apicultura nordestina em anos de estiagem](#)
- [Produção de grãos: grandes desafios do agricultor brasileiro](#)
- [Produtor de café no Brasil: mais agro e menos negócio](#)
- [Semiárido: setores estratégicos e o déficit na produção de bens finais](#)
- [Retrato da silvicultura na área de atuação do Banco do Nordeste](#)
- [Potencialidades da energia eólica no Nordeste](#)
- [Indústria de bebidas alcóolicas](#)
- [Agroindústria sucroalcooleira](#)
- [Indústria da construção civil](#)
- [Logística de armazenagem: Produtos químicos](#)
- [A Indústria de vidros planos](#)
- [Indústria petroquímica](#)
- [Análise dos fluxos de comércio no semiárido](#)
- [Indústria de autopeças](#)
- [Agroindústria da carne no Nordeste](#)
- [Energia solar no Nordeste](#)
- [Carcinicultura no Nordeste: velhos desafios para a geração de emprego e renda](#)
- [Matriz de Insumo-Produto do Nordeste: demanda final doméstica](#)

PRÓXIMAS ANÁLISES

- | | | | |
|---|----------------------------------|------------------------------------|---------------------------------------|
| - Economia criativa: artesanato | - Grãos | - Floricultura | - Indústria de móveis |
| - Energia térmica | - Energia eólica | - Produção de café | - Carnicultura |
| - Cerâmica vermelha | - Citricultura | - Olericultura | - Citricultura |
-